

DOIS CONTOS DE RANNY CABRERA

OMNI...

O primeiro vem depressa. Forço minhas pernas fincadas no chão a moverem-se contra os ponteiros. Ele me recebe com três degraus imponentes e o bafo agastado da manhã. Cedo demais para os olhos que reclamam. Tarde demais para as bocas que, acordadas, já propagam vibrações difusas. Entre um bocejo e outro, acompanho a molduragem de suas janelas. Os raios projetam sombras definidas. Desço. O segundo vem parado. A solenidade afetada é nutrida pela imensa fila que o aguarda. Os corpos reverenciam sua chegada com fúria. Todos querem ter mais contato com ele do que com os Outros. Consigo um lugar. Ainda não preciso sobrecarregar os pés. Abro um livro. O trajeto recomeça. As palavras dançam no ritmo dele. As letras pululam. Meus olhos tentam reorganizá-las. Elas insistem em ziguezaguear formando cantilenas. Durmo. Acordo depois de uma hora ao barulho das buzinas. Hora de descer. Eu te aviso, você freia. Após outras tantas horas entre paredes e olhos, dirijo-me a novos reencontros. O terceiro vem ligeiro. O suor goteja pela sua opulência laminar. Agora formamos uma massa uniforme. É a necessidade corpórea sem a fruição oxigenoterápica. Chego ao ilusório paraíso estático. Entre entusiasmos e opressão, saio. O quarto vem veloz. Efeito montanha-russa. O quinto vem esperado. Na escuridão, não me deixa contemplar mais nada. O sexto vem vagaroso. Ele não entende meu anseio. Agonia nauseante é inalada na espera. Ao subir aqueles mesmos três degraus, desfaleço. Não caio. Seguro-me e sinto as calosidades em cada salto brusco. Desço. É o último. Como escolher entre dativo e ablativo, você que é adjetivo de terceira declinação? *Omnibus...* para todos. PARADA SOLICITADA.

O DESDITOSO

Não tinha ódio da humanidade. Tinha ódio ensimesmado. Ódio da dor de ser. Um ódio que abrevia. E ele gostava de abreviar as palavras. Não era de conversa. Tinha medo de desdizer-se. As poucas pessoas que se aproximavam eram por ele analisadas com minúcia. O exercício era recíproco, ele perseguia os detalhes da própria consciência. Cada diálogo era, pois, uma tortura solitária. Desdizer era confessar a infelicidade.

Conseguiu isolar-se, quase que totalmente. Fazia tudo a distância. Supermercado, compras, contas, banco, tudo resolvido na tela duma dessas perverções tecnológicas. Ele não era atual, mas gostava dos universos invisíveis. Gostava de não ter contato direto com os outros. A tela é um filtro. A caixa de correspondências, ainda uma preciosidade. Virtualmente, fazia todas as transações possíveis, evitava filas, o azar dos encontros. Não precisava mais ir à biblioteca. Comprou vários *e-books*. Porque apesar de gostar de bibliotecas, sempre havia uma pessoa procurando contato. Ou um curioso que o apavorava com perguntas intimidantes. Gostava de Baudelaire. Ser *flâneur*, não.

Não tinha família. Nem amigos. Apenas o vizinho bisbilhoteiro que o convidara para participar de uma rede social. Podemos combinar um café virtual dia desses. Nunca pensou, porém, em participar de uma rede social. O nome era-lhe repugnante. Social? Rede? Houve noites em que teve pesadelos. Entrelaçado em fios de gente. Pessoas desconhecidas entrando nos seus pensamentos. Fantasmas desvendando seus sonhos. Sonhos enclausurados. Qualquer coisa horrenda e abismal dizendo: – Conheço o teu inconsciente, você é um desditoso!

Por que tinha tanto receio de ser considerado infeliz? Todos percebiam, não era necessário desdizer-se. Afinal, como dizer o contrário se ele não sabia ser ou sentir de outro modo? Confessar era o problema. Confessar para si. Cuidava em esconder.

Cuidou também em trancar as portas, fechar as janelas, apagar as luzes. Desconectar. Sedou os olhos. Estancou os dedos. Fez cessar movimentos. Dissipar sentidos. Nunca mais abriu a tela. Delete final.

Ranny Cabrera é mestranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Foi vencedora da 24ª Edição do Programa Nascente na área de Texto, com o trabalho intitulado *Aporismos* (2016). Contato: rannyca@gmail.com